



Ricardo Araújo Pereira

# Carta ao sr. primeiro-ministro

Caro sr. primeiro-ministro,

**A** pesar de não ter votado em si, sinto que somos quase almas gémeas. Não admira: temos muito em comum. Tal como o senhor, eu também não sou engenheiro. Enfim, apenas uma das muitas características que partilhamos. E é por isso, por sentir que somos feitos da mesma massa, que me desgosta vê-lo metido em confusões. Esta história da Universidade Independente, em que ninguém percebe se, afinal, o sr. primeiro-ministro se licenciou ou não, é muito desagradável. Imagino que tenha prometido aos seus pais que acabaria o curso, e agora descobre-se que não o fez.

Para si não será propriamente novidade fazer promessas que acaba por não cumprir, mas uma coisa é o povo portu-

guês, outra é a família. Não cumprir promessas feitas ao povo português durante a campanha eleitoral, normalmente, não tem consequências de maior, mas faltar ao prometido à mãe pode ter repercussões graves na vida de um político. Sobretudo se esse político gostar que a mãe lhe leve um copinho de leite morno à cama. «Enquanto não acabares o curso, acabaram-se os miminhos», pode a mãe dizer. Um argumento que se rebate com dificuldade, até porque discutir com a mãe é bem diferente de litigar com o Marques Mendes.

As mães são muito mais tesas.

Além do mais, é importante não esquecer que a mãe do sr. primeiro-ministro pode estar duplamente ressentida: como se não lhe bastasse a vergonha de ter um filho primeiro-ministro, agora já nem pode dizer às amigas que, ao menos, o José é engenheiro.

No entanto, como em tudo, há um aspecto positivo no facto de o sr. primeiro-ministro não ter concluído a licenciatura.

Há muito tempo que a nossa democracia não dava um sinal de vitalida-

de tão grande. O sr. é a prova de que qualquer um pode chegar ao segundo cargo mais importante do Estado: o nosso sistema político não descriminar ninguém por ter menos habilitações literárias.

Por outro lado, receio que este caso da Universidade Independente fique associado a si para sempre. Até pelas semelhanças de estilo que existem entre aquele estabelecimento de ensino e o seu Governo: há tantas trapalhadas na Independente que às vezes ficamos com a sensação de que a universidade é dirigida pelo seu ministro Manuel Pinho.

Mas a razão que me leva a escrever-lhe é a seguinte: apoio a sua intenção de submeter os funcionários públicos

a exames de avaliação,

e ir dispensando os

menos capazes. Mas,

para ganhar tempo

e dinheiro, talvez

um bom método

fosse começar por

dispensar os que

têm menos habilita-

ções. Imaginemos um

funcionário público

que não terminou a

licenciatura em enge-

nharia, por exemplo, esse era

logo dos primeiros a ir para a rua.

É só uma dica. ▽

Um abraço do

Ricardo



Imaginemos um funcionário público que não terminou a licenciatura em engenharia, esse era logo dos primeiros a ir para a rua